

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 635

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
ARCINHO

OS DOIS URSOS

Por **DIOGO ALVARO**

ERA uma vez um homem que tinha um lindo urso prêto, chamado «Valente». Com êle corria de terra em terra, de feira em feira, ganhando muito dinheiro.

È que o urso era engraçadissimo! Corria, saltava, bailava e pedia dinheiro na pandeirata, com tanta graça que ninguém negava uma moeda e, às vezes, mais. O dono do urso andava radiante e cuidava dêle como se fôsse êle próprio ou pessoa de familia. Mas, um dia, o pobre animal adoeceu e morreu, a-pesar-de todos os remédios e cuidados.

O amo chorou amargamente sobre o cadáver daquelle que era o ganha-pão da familia. Mas o criado do domador, rapaz esperto, chegou-se ao homem e disse-lhe:

— «Não se rale, patrão... Arranjei um meio para tudo se remediar.»

Entre soluços, o homem indagou:

— «De que modo?»

— «Mande tirar com cuidado a pele

ao urso, eu escondo-me nela e verá que vai ter um urso ainda mais engraçado do que o outro.»

Fez-se exactamente assim, e o que certo é que o urso novo ainda era mais engraçado, e fazia mais habilidades do que o outro.

Pulava, bailava como o outro, mas



se lhe davam moeda pequena, voltava as costas; se grande, cumprimentava até ao chão, que era mesmo uma pessoa, salvo seja... Assim, o nosso homem correu todo o Portugal, e outras

terras, com o extraordinário urso, a quem só faltava falar, como diziam, ao vê-lo, os bons campônios embastacados. Um dia, chegou a uma terra lá muito longe, onde succedeu expôr o urso diante do próprio rei, que ficou encantado com aquêle urso maravilhoso, e logo se lhe meteu na cabeça comprá-lo.

Chamou o domador e ofereceu-lhe uma importante soma pelo animal.

O homem naturalmente hesitava em vender o criado. Então, êste, que se achava presente, disse baixinho:

— «Não me venda, patrão!»

O rei, porém, era teimoso e brutal, e disse ao pobre domador:

— «Olha: ou me vendes o urso, ou te mando degolar!»

Não havia remédio! O pobre domador abraçou, chorando, o urso, e recebendo, não obstante, boa maquia, lá se foi cheio de cuidado pela sorte do rapaz que tão bem o servia. Se o rei desse pela mentira, o que restaria dêle, meu Deus!

O monarca que, ia-me esquecendo



dizer-lhes, tinha a mania dos bichos, disse para os lacaios.

— «Levem este urso preto para o pé do outro urso, o meu urso branco. Quero ver se lutam ou brincam.»

O urso preto tremeu de medo! Ai se o branco desse por ele ser homem, estava arranjado! Comia-o sem cerimônia.

Ao entrar na jaula, pôs-se muito quieto, a um canto, desejando que o companheiro não desse com ele. Os lacaios foram-se embora, deixando-os aferrolhados e dizendo:

— «Amanhã, o rei quer ver metê-los à bulha! Vai ser uma risota!»

Sós os dois, principiaram a tremer, a tremer...

De repente, o branco atirou-se ao preto, e este exclamou:

— «Ah, meu Deus!»

Neste passo, o branco disse em voz clara:

— «Ah, também não és urso?!»

— «E tu também não?!» — respondeu o nosso amigo. Logo começaram a conversar, a contar a sua vida. Para maior comodidade, atiraram fóra



as cabeças de urso, que tinham présas com umas molas.

Aquilo é que foi darem à língua!

De repente, porém, sentiram rumor e, temendo ser apanhados, agarraram precipitadamente nas cabeçorras e enfiram-nas.

Na precipitação, sucedeu que astrocaram... O urso branco ficou de cabeça preta, e o preto, de cabeça cor da neve...

O rei, neste instante chegava ali. Calcule-se o seu assombro!

Mandou logo chamar o domador, que apareceu tremendo.

Exigiu a explicação do fenómeno o rei, que estava maravilhado.

— «Anda, toca a explicar esta raridade...» — ordenou o rei ao domador. Este caíu de joelhos e declarou: — «Saiba Vossa Sabedoria, Senhor rei — disse, tremendo como bandeira ao vento, — que o meu urso, que não estava habituado à luta, encanecceu de repente com o

susto... Já tem havido, casos destes... A aflicção fazer cabelos brancos, de repente!...»

— «Pode ser... — disse o rei, depois de reflectir um momento — mas porque está o outro de cabeça preta?»

— «Pelo mesmo motivo, Senhor... E' que os cabelos brancos dos ursos brancos são pretos...»

Ficou o rei maravilhado, pensou largo espaço e ordenou por fim:

— «Degolem os ursos... Não os quero assim!»

Aterrado, o domador caíu desmaiado e, debaixo das cabeças de urso, surgiram duas de gente, apavoradas...

Contaram tudo ao rei, entre prantos; e este, que no fundo não era mau, perdoou-lhes, e ainda lhes deu bastante dinheiro. Todos três voltaram para Portugal, onde vivem muito felizes.

F

I

M



■ PREGUNTAS de MENINO ■

POR FELIZ VENTURA



M AIZINHA,
porque será
que, quando passa, aquele pescador,
aqui nosso vizinho,
que não tem uma perna, a do lado
direito,

todos o cumprimentam com respeito?

Porque será?

Se ele é tão pobrezinho...

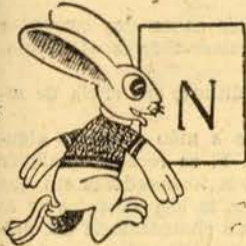
Não vês o fato dele, tão velhinho!...

Inda ontem, à tardinha,
disse, cá para mim,
quando, na rua, ele passou,
rente às grades do jardim:

{ Continua na página 7 }

A OLIVEIRA PEQUENINA

POR VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



O fim da extensa fila de oliveiras que dividiam duas propriedades, nascera aquela oliveira novinha. Aconteceu ficarem ali, muito perto, as árvores do pomar do tio Braz.

A oliveirinha distraia-se a ver as folhas verdes e frescas que as vestiam, nada parecidas com as suas ásperas folhinhas cinzentas; as lindas flores brancas e côr de rosa que as enfeitavam na primavera, nada iguais às insignificantes florinhas que apareciam nos seus ramos.

Depois, admirava os belos frutos de côres variadas, como as cerejas, as laranjas, as maçãs... que tanta vista faziam, decorando as árvores, suas mãs.

A oliveirinha não era nada invejosa mas tinha pêne, isso tinha, que os seus frutos fossem, assim, tão feios, daquele verde tão baço e transformados depois em bolinhas pretas, a côr mais triste que há no mundo!

Ela bem via como os garotos saltavam, sófregos, às árvores do pomar para apanharem os deliciosos frutos.

Os dela, só as cabras do monte cubiçavam!...

E assim vivia naquêlo desconsôlo!

Queria desabafar com as companheiras — grandes oliveiras velhas e esburacadas — mas estas, já empedernidas pela idade, não davam atenção à triste oliveirinha.

Ora, um dia, um trabalhador, acompanhado do filho que lhe trazia o farnel, dirigiu-se para aquêlo lado.

— «Ô pai!... — disse o rapaz — Sente-se ao pé da oliveira pequenina! Não vê como ela já dá sombra?»

— «Está linda, a oliveirinha! — redarguiu o homem, olhando-a, admirado — cheiazinha de azeitonas! Este ano, quando for a apanhar, é ela, talvez, a que mais fruto deve ter! E ainda bem! Sem azeite não se pode viver!» —

O filho interrompeu-o: — «Sem azeite! O que tem o azeite com a oliveira?» —

— «Sempre és muito ignorante! Este ano hás-de ir ao lagar, ver como, do súdo da azeitona, se faz o azeite.»

— «Eu julguei que a azeitona só servia para comer!»

(Continua na página 6)



LENDA

POR MANUEL FERREIRA

NUM país maravilhoso em que há estranha beleza desde a neve das serras à geada, tôda perfume, das amendoeiras em flôr, um rei, poderoso e bom, vivia triste por não ter um herdeiro ao trôno.

Sua madrinha de casamento, a fada Bravura, aconselhava-lhe esperança.

Uma tarde, encontrava-se a rainha à janela do seu palácio, mais desgostosa do que nunca. O dia estava pardacento e chuvoso. Para os lados do mar, uma névoa encobria os contornos das margens.

Quando a soberana estava tôda entregue à sua desventura, ouviu pancadas na porta da sala. Voltou-se e viu um bercinho de ouro onde uma criança sorria.

Era o presente da fada Bravura que satisfizera o pedido dos reis. Ficaram todos muito contentes, havendo grandes festas. O príncipezinho foi levado pelas mãos das fadas Poesia, Atlântida e Bondade, à capelinha da côrte, onde recebeu o nome de Sem-Temor.

Cresceu, entre o desvelo de todos. Era valente, leal na luta, valoroso ante o perigo, como nenhum outro. Bravo no combate, chegava, por vezes, na peleja, a esquecer-se de si, para defender a bandeira de seu pai.

Era duma rudeza sem limites.

Os reis, seus pais, se bem que se orgulhassem de Sem-Temor, viviam desgostosos. Não o viam espalhar o bem nem mostrar um sorriso. Só o ouviam falar em guerras, em perseguições, em armas. Em face disto, pediram à fada Poesia que lhes trouxesse outro filho.

A fada satisfez, daí a tempos, o desejo real. Um menino, lindo como os amores, apareceu. Cresceu, desenvolveu-se, e deu em olhar para o céu

(Continua na página 6)

CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

APURAMENTO FINAL
da 2.^a QUINZENA

Poesia:

- 1.^o Prémio: — Não foi concedido.
2.^o » : — «História dum cão vadio» — por Xico Dias.

Menções honrosas:

- 1.^a «Eu tenho Mãe» — por Oidimeotnlp
2.^a «Gesto infantil» — por Pinflim.
3.^a «Uma lição» — por Jorval.

Conto

- 1.^o Prémio: — Não foi concedido.
2.^o » : — «A doença de El-rei Leão» — por «Zé» Português.

Menções honrosas

- 1.^a «A esperteza dum gato» — por Gato vaidoso.
2.^a «Um herói» — por Balete.
3.^a «Fôrça de vontade» — por Almi.

ANEDOTA

Num grupo, fala-se a respeito de idades.

— «Eu, por exemplo — diz Barnabé — ninguém o dirá. Pois bem! Tenho quarenta e seis anos. E ainda, quando digo quarenta e seis, não tiro senão quatro.»

DUAS HABILIDADES COM UM PRATO

1.^a — Debaixo de um prato, colocamos uma moeda, um botão, uma borraça, ou qualquer coisa, enfim, que lá caiba. Pretendemos ser capazes de tirar êsse objecto do seu lugar, sem tocarmos no prato. Em seguida fazemos uns passes misteriosos com as mãos, por cima dêste e dizemos para quem está presente:

«Agora, levantem-no.» Alguém o faz e nós, imediatamente, retiramos de baixo, o objecto que lá se encontrava, cumprindo assim o que havíamos dito, pois a verdade é que não fomos nós quem lhe tocámos.

2.^o — Apostamos com alguém que podemos colocar um dedal de maneira que, embora esteja á vista de todos, ninguém poderá bater-lhe com um prato.

Feita a aposta, vamos pôr o dedal a um cantinho do quarto, pois, assim, não há prato que lá possa chegar-lhe.

PENSAMENTO

A corágem sem a fôrça é ridícula; a fôrça sem a corágem é desprezível.

O CASTIGO FAZ AO DOIDO TER JUÍZO

POR ISOLDINA



Querem saber o que fez êste mau pequeno?

Como era filho único, faziam-lhe tôdas as vontades, e, de tão amimado que era, tornou-se vaidoso da sua beleza e da sua inteligência. Tinha a mania de fazer versos por «dá cá aquela palha», como se diz vulgarmente, e julgava-se um grande poeta.

De visita a sua Mãe, costumavam ir quatro senhoras vizinhas. A mais velha era cheia de exquisites. Pesava tôdas as palavras, martelava tôdas as sílabas com cuidado, não fôsse desperdiçar alguma... A esta senhora pôs-lhe o Armando a alcunha de «D. Conspícua». A segunda era muito empertigada. Um dia, queixando-se de um gato lhe haver feito um grande rasgão no seu vestido das solenidades, dissera: — «E o maldito teve a pi... tulância, etc.

Foi o bastante para ficar alcunhada pelo garôto de *D. Pitulância*. A terceira era muito medrosa. Andava sempre a fechar as portas com medo dos ladrões,

e as janelas por causa das correntes de ar. Esta foi alcunhada de «D. Timorata».

A quarta, e última, era cheia de niquices.

Não apertava a mão a pessoa alguma sem luvas. E, se recebia qualquer factura dos seus fornecedores em que tivesse de tocar, ia logo desinfecar as mãos. Essa ficou chamando-se «D. Meticulosa».

No dia do aniversário do Armando, as quatro damas solteironas, para serem agradáveis à mãe do Armando, (sim, porque, só por êle, a vontade delas era dar-lhe açoites) trouxeram-lhe suas prendas. O pequeno ficou contente e, muito cheio de si, anunciou que, em troca da gentileza, reservava uma surpresa. Até, sem de tal se aperceber, fizera uma rima. Tal era o talento! Fechou-se no quarto, recusando a companhia, dos amiguinhos que o esperavam para brincar no jardim. No fim do jantar, tôdos aguardavam a surpresa com curiosidade. El-lo que sobe a uma cadeira e, muito empertigado, puxa de um papel que se põe a lêr enfaticamente, fazendo grandes gestos:

— No meu aniversário:

A «D. Conspícua»
deu cá ao rapaz,
de doce, um cabaz
duma forma oblíqua.

Pleno de elegância,
um polichinelo
verde e amarelo
deu-me a «Pitulância»;



«ZÉ» MARIA, CAÇADOR

Por MARIA EMILIA VEIGA LOPES

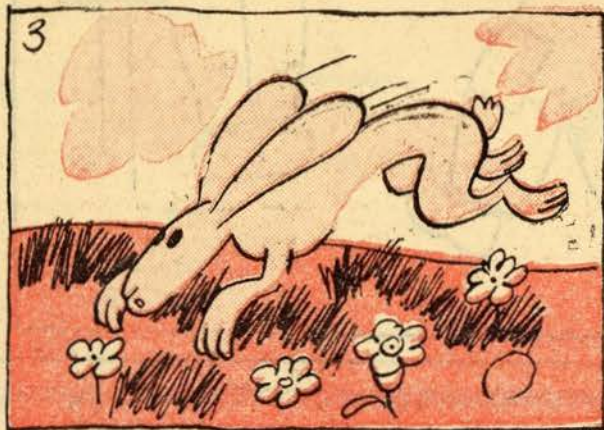


«Zé» Maria vai à caça, caçar lebres e perdizes... Convidou amigos seus, e, lá vão, muito felizes.

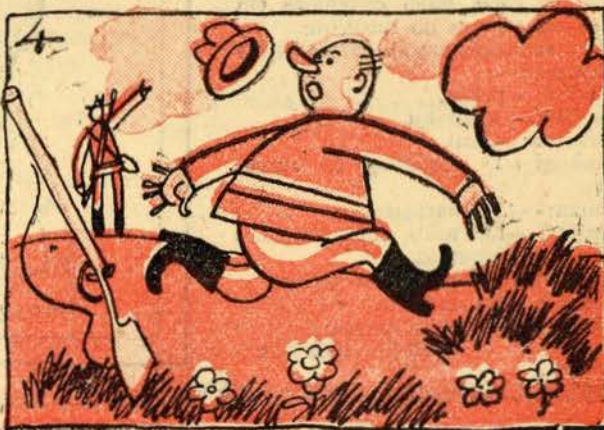


De espingarda à bandoleira, «Zé» Maria, p'ra si, diz: — «Não é tarefa difícil o matar uma perdiz!»

Nisto, uma lebre, assustada, da sua toca saíu... Sem saber o que fazia, direita a êle fugiu.



«Zé» Maria, sem saber o que era lebres caçar, largou a espingarda e... zás... deu sinal de debandar.



Pelos outros companheiros escorraçado a valer, nunca mais teve vontade de noutra, igual, se meter.

P'ra general ser, espada de lata, deu-me a «Timorata» Mas deu-ma a tremer,

E a «Meticulosa» deu-me um cache-col e pró futebol uma bola famosa.

Pois, minhas senhoras, E' findo o jantar. São mui boas horas de pôrem-se a andar!

Finda a leitura, saíram de tôdas as bocas uns ahs e ohs de indignação mal reprimida e do pé da mamã saiu um sapato que fez melhor serviço do que as ovações que o pretense poetastro esperava à sua linda obra.

Resultado: — nunca mais teve presentes, as visitas foram-se afastando da casa, até que êle, vendo-se desdenhado por todos, não teve remédio senão emendar-se.



Por absoluta falta de espaço não publicamos, hoje, o nosso concurso

ENCONTRAÍ RIMAS E FIXAÍ CONCEITOS

pelo que pedimos desculpa aos nossos pequeninos leitores

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

Minha querida Berta

Para a cadeira do teu primo pequenino, pedes-me o desenho de uma almofada que tenha uns holandeses e que diga bem com o taboleiro, decorado igualmente com figuras representativas desse interessante país que é a Holanda.

Talvez fôsse mais engraçado aplicar na almofada motivos iguais aos do taboleiro mas não quero deixar de satisfazer o teu desejo e, assim, aqui tens este par de pândegos, tão bem dispostos e alegres, os quais, espero, saberão levar a alegria e boa disposição ao feliz bebé que venha a ser o seu dono.

O ponto a aplicar é o de «pé de flor»; as cores serão escolhidas em harmonia com as do taboleiro.

Para as outras abelhinhas vão estas indicações:

Gorros: — prêtos.

Cabelos: — amarelos.

Gravata: — azul.

Casacos — 1.º castanho, 2.º encarnado.

Faixa: — 1.ª encarnada.

Calças: — 1.ªs azuis com remendos prêtos. 2.ªs castanhas.

Harmónio e cachimbo: — prêtos.

Caras e mãos em prêto.

Tua sempre muito amiga

ABELHA MESTRA



LENDA (Continuado da página 3)

para as flores, para as aves, para Deus.

E, então, quando a fada Poesia, que fôra sua madrinha, lhe ofereceu uma lira, começou a cantar, em versos lindos, tudo que de formoso tem o mundo.

Anos se passaram. Um velho feiticeiro dissera que no mar estava o futuro da sua raça. Mas o poeta e o cavaleiro recebavam a voz temerosa do Oceano.

Seus pais, ainda insatisfeitos, procuraram a fada Atlântida, sua vizinha, e esta brindou-os com o príncipe Ondino que parecia feito da espuma do mar.

Desenvolveu-se, escutando o canto das sereias, passando todos os momentos em adoração ao mar.

Porém, os soberanos não viviam, satisfeitos. Não aparecera ainda um príncipe que fôsse bom e se apiedasse das misérias alheias. Contudo, a fada Bondade ofereceu-lhes, daí a tempos, um infante que foi, mais tarde, o que os reis tanto ambicionavam.

Tão bom foi ele que lhe chamavam santo. Durante a sua vida não mais houve lágrimas de desdita, nêsse país maravilhoso.

E, só assim, foram todos verdadeiramente felizes. O cavaleiro desatou

A OLIVEIRA PEQUENINA — (Continuado da página 3)

— «Serve, mas há-de a tua mãe fazer-lhe os preparados precisos, já se vê!»

— «Isso sei eu! Que uma vez arranquei uma da árvore e soube-me que nem fel!...»

E o rapaz tirou do cêsto uma mancheia de azeitonas, dizendo, guloso!

— «Agora estas sempre sabem tão bem!...»

Nunca mais, depois disto, a oliveirinha teve vida desconsolada. Pelo contrário! Passava o tempo agitando, alegremente, as folhinhas ásperras, cantarolando para o vento que as abanava:

— «O vento, se és meu amigo, leva êste canto contigo.

Vai espalhá-lo pelo mundo,
vai dizê-lo ao vale profundo,
mais à montanha altaneira,
mais às palhinhas da eira,
e à água pura da fonte,
bem como às flores do monte,
aos jardins mail-aos solares,
às choupanas, aos solares,
às olaias e pinheiros,
às faias e castanheiros...

Vai aos rios, vai aos mares,
vai a todos os lugares,
numa agreste ventania,
tôda a noite, todo o dia,
numa faina, apregoar,
em revoadas, gritar,
que a pequenina oliveira
vive alegre, prazenteira,
porque sabe o seu valor
que não é nada vulgar,
pois inda é muito maior
que o das árvores do pomar!

a conquistar com a sua espada terríveis para o seu reino; o poeta cantava as belezas; o santo fazia o bem e o mareante partia, freqüentemente, em demanda de novas terras.

Escusado será dizer que êsse rei chamava-se Portugal e que, desde que êsses príncipes surgiram, todos os portugueses passaram a ser cavaleiros e santos, mareantes e poetas.

PREGUNTAS de MENINO — (Continuado da página 2)

Eu vou já ver se consigo tal mistério decifrar. Pensei, tornei a pensar, porém, não pude achar a explicação.

Dize-me lá tu, mãizinha, faze com que o teu menino possa isto compreender, pois êle, de pensar nesta embrulhada, anda, há muito, pensativo, sem perceber nada, nada.»

— «Filho, sim, tens razão, inda és muito pequenino, não podias achar a explicação dêste caso que assim te faz pensar. Mas, ouve, presta atenção, vou tentar fazer-te compreender.

Por uma noite, fria, de Dezembro, noite de tempestade e de pavor, as ondas alterosas vinham quebrar-se junto às rochas, furiosas.

O Senhor parecia querer-nos castigar, dando fôrça ao furacão, fazendo rugir o mar.

De-repente, tôda a gente

começou numa grande gritaria, e a percorrer a praia, lado a lado.

Era um barco de pesca que faltava e que, ao sabor das ondas, longe, andava, até que o mar, traçoeiro, o espedaçasse. Que momentos, Senhor!... Nem me quero lembrar!...

Filhos, espôsas, mãis, absortos pela dor, cheios de imensa angústia, investigando o mar...

Foi, então, que êste pobre pescador, desprezando, (vê tu!) a vida, com valor, se lançou para a água, sem temor,

E conseguiu salvar os que seriam vítimas do mar,

Mas quando, com o último, voltava, uma onda mais forte, de encontro às duras rochas o lançou. E ficou com a perna, tão f'rida e maltratada, que teve de ser cortada.

Aqui tens, meu filhinho, o que fez êsse humilde pescador.»

E o Bébé disse, então, com olhar entusiasmado: — «Ah, sim! Agora, agora compreendo a razão porque êle é tão respeitado! É que, com seu gesto, foi mais que todos, um herói!...»

INSTRUÇÕES SOBRE A NOSSA CONSUTRUCÃO PARA ARMAR

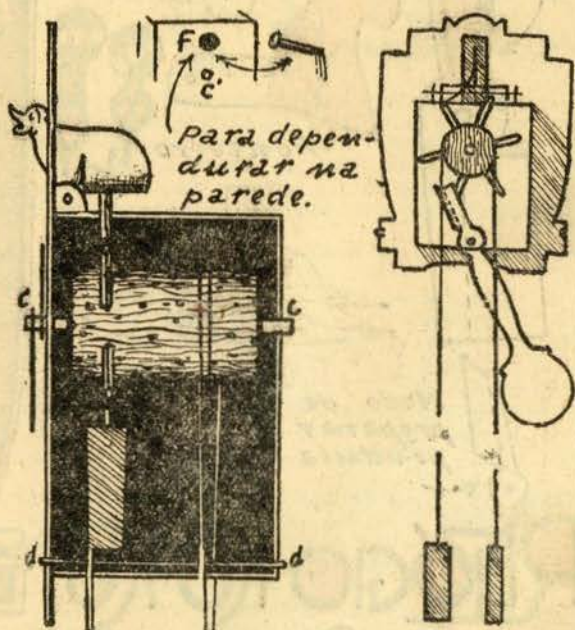
Quererão, caros leitorzinhos, um re-Kú-Kú com movimento e tudo? Então, mãos à obra e nada de preguiça, hein?!

Colem, primeiro, as peças 1 e 2 em cartão forte e as restantes em cartolina.

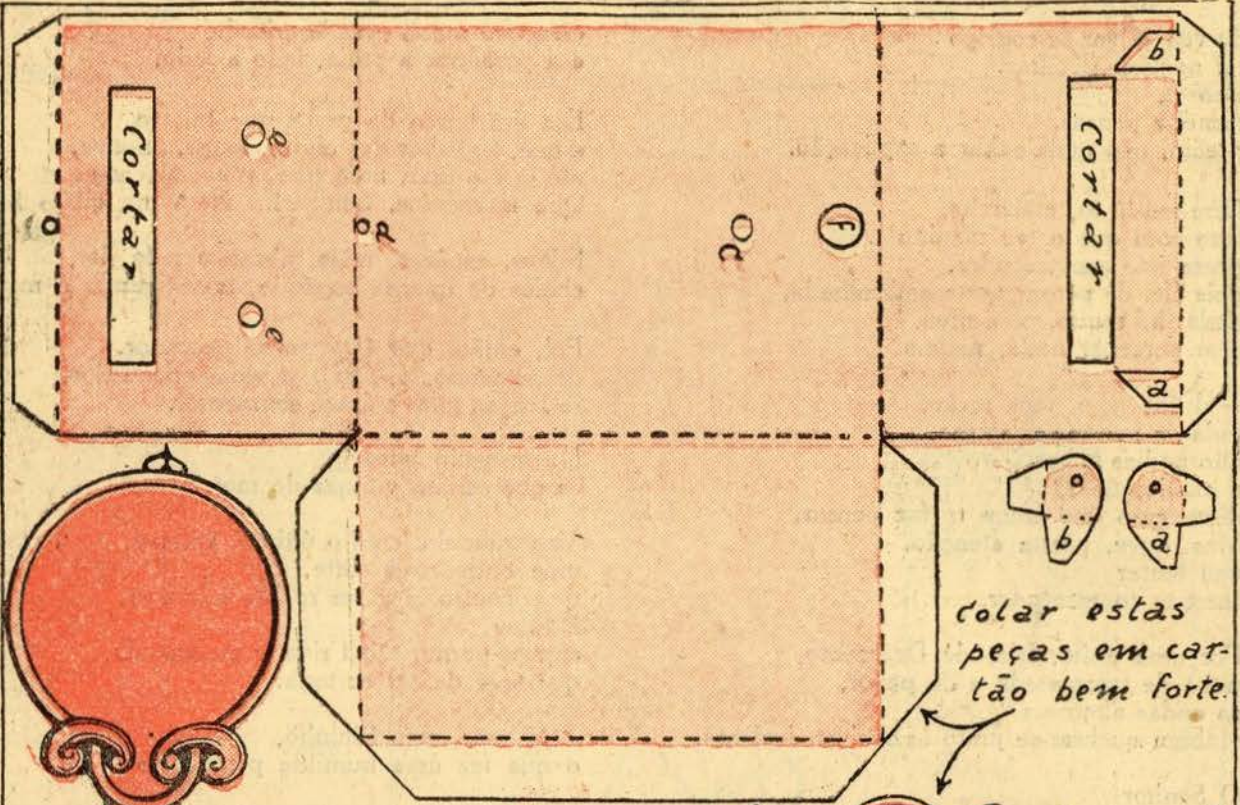
Recortem tudo e armem a peça 1 depois de abertos todos os furos. Colem-na, depois, nas costas do mostrador, de forma que os furos c e d coincidam. Em seguida, espetem numa rôlha de cortiça, 6 metades de fósforos e façam-na atravessar por um eixo de madeira ou arame de 5,5 cm. cujas extremidades sairão pelos furos c e c. E na do lado do mostrador que se seguram depois os ponteiros. Enfia-se a seguir por um dos furos e uma linha com um metro de comprimento, dá-se duas voltas na rôlha e tira-se pelo outro furo; nestas duas extremidades amarram-se dois pesos, um de 80 e outro de 50 gramas aproximadamente, e será a descida do peso maior que fará girar a rôlha.

No seu movimento, os fósforos baterão na pêndula e no cuco, o que dará origem ao movimento destes. Creio que não serão precisas mais explicações.

Se estiverem em dúvida sobre alguma coisa, perguntem aos vossos paizinhos. E pronto, por hoje.



(Ver construção na página 8)

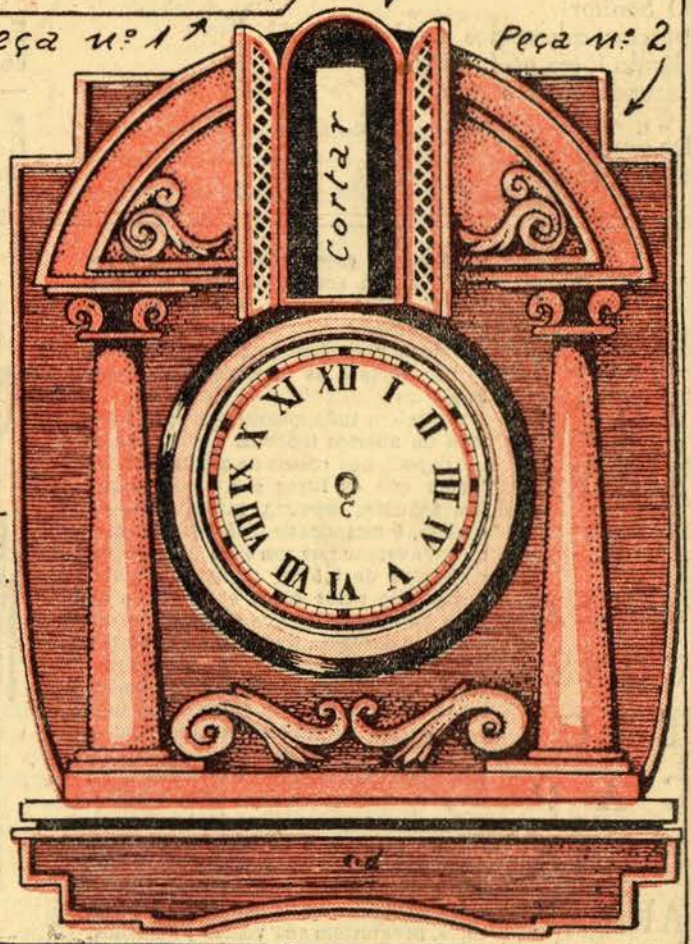


colar estas
peças em car-
tão bem forte.



Peça n.º 1

Peça n.º 2



Modo de
preparar a
pendula

Ver pag.

RELÓGIO KÚ-KÚ
TAVARES PINTO